

# Quando o sofrimento atravessa gerações: analisando os testemunhos de uma sobrevivente do Holocausto <sup>1</sup>

Charles Antonio Pereira

UFJF/ Minas Gerais

Palavras-chave: Holocausto, testemunho, memória

“Que direito têm os outros de sofrer mais que ela mesma? “sobressofrer”, “altersofrer”, sofrer pela desumanização pela qual ela mesma não sofreu tanto, porque para ela tudo era um fato e, para os outros, a guerra é muito mais que isso. Às vezes, tudo isso dá a impressão de que a compaixão, ou a ideia de que dá pra sentir plenamente a dor do outro, é um engodo, porque não há como sofrer as coisas no lugar de outra pessoa, não há como se compadecer. Quem se compadece compreende a dor, e a dor não pode ser compreendida; quem sofre não compreende nada.”

(Noemi Jaffe, 2012 p.113)

Sufrimento, dor, desamparo, são sentimentos que expressam marcadamente a experiência dos campos de concentração nazistas. E basta um vislumbre dos relatos testemunhais dos sobreviventes desses campos para perceber que tais sentimentos reverberam por toda a vida, mesmo em seu processo de reconstrução. E este será o mote principal deste trabalho, as experiências do sofrimento e como ele reverbera através da vida, e das gerações futuras do sobrevivente. Como refazer a vida após experiências tão extremas de sofrimento?

O Holocausto foi um acontecimento tão devastador na história moderna da humanidade, que dificilmente encontra-se alguém alheio aos fatos ocorridos durante o período. O cenário era tão propenso a morte, o sofrimento era tão banalizado, que os relatos de seus sobreviventes tomaram centralidade na formação da memória coletiva do evento. De acordo com Michael Pollak (1989), influente estudioso do Holocausto, poucos períodos históricos foram tão estudados como o nazismo, incluindo-se aí sua política antissemita e o extermínio dos judeus. Todavia, a despeito da abundante literatura e do lugar concedido a esse período nos meios de comunicação, frequentemente ele permanece um tabu nas histórias individuais na Alemanha e na

1 Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020

Áustria, nas conversas familiares e, mais ainda, nas biografias dos personagens públicos. Assim como as razões de um tal silêncio são compreensíveis no caso de antigos nazistas ou dos milhões de simpatizantes do regime, elas são difíceis de deslindar no caso das vítimas. Recorro a Pollak inicialmente, pois ele nos introduz a algumas questões que permearão as discussões feitas durante este trabalho, tais como, o espaço ocupado pelo silêncio na vida dos sobreviventes, além de um constante processo de gestão da memória.

Este trabalho voltará suas atenções para o testemunho de uma mulher sobrevivente do Holocausto, e como as memórias dessa experiência reverberam nas próximas duas gerações de sua família. Tal empreendimento torna-se possível, pois, como afirma Dullo e Duarte (2016), o testemunho não se restringe apenas a informar sobre o narrador e sua vida pgressa, mas desencadeia efeitos no presente e futuro daqueles que se envolvem nessa prática e suas redes. Dessa forma, o testemunho aqui será compreendido como uma transmissão (informativa e/ou performativa de uma experiência pessoal densa de sentido, capaz de gerar efeitos sociais tanto no testemunhante quanto em sua audiência.

Lili Jaffe, jovem Iugoslava de apenas 19 anos na época, após sobreviver a 11 meses em Auschwitz escreve suas memórias em um diário. Anos mais tarde, questionada pela filha, Noemi Jaffe, sobre o motivo de tê-lo escrito, responde prontamente, e como se adivinhasse o que estava por vir no futuro: “Para que você lesse”. A filha, escritora e doutora em literatura, transforma esse diário em livro, e constrói suas próprias interpretações a respeito do ocorrido com sua mãe. Além da filha, a neta de Lilli, Leda Cartum que também tem como ofício a escrita, contribui com a parte final do livro. Dessa forma, três gerações de mulheres, que tiveram suas vidas afetadas em alguma medida pelo Holocausto, transformam suas experiências em palavra escrita através do livro *O que os Cegos estão Sonhando?*

Anos mais tarde, esse diário e toda a sua potência extrapola a palavra escrita e toma outros formatos. Primeiro em forma de livro, e em 2015, Lili Jaffe juntamente a sua filha Noemi Jaffe, transmitem oralmente suas histórias e impressões em um

*Podcast*<sup>2</sup>, chamado *Projeto Humanos*<sup>3</sup>. A história de Lilli Jaffe é apresentada em seu episódio de estreia, intitulado “*As Filhas da Guerra*”, que dividido em cinco partes com cerca de quarenta minutos em média, reproduz a dinâmica do livro através da fala. Lilli Jaffe narra sua experiência de sobrevivência no campo de extermínio de Auschwitz, e quando a memória lhe falha, é ajudada por sua filha Noemi, que vez ou outra assume a fala e apresenta suas impressões a respeito da experiência de ser filha de uma sobrevivente, e como isso impactou em sua vida. Tudo isso mediado pelo apresentador do *podcast*, Ivan Mizanzuk.

Além de Lilli, Noemi Jaffe e o apresentador do *podcast* Ivan Mizanzuki, também são convidados a falar especialistas e historiadores para apresentarem questões mais pontuais em relação a aspectos políticos e históricos que envolveram o Holocausto. Portanto as narrativas aqui analisadas se constroem a partir das vozes de três mulheres da mesma família de diferentes gerações, vinculadas em meios de comunicação distintos. Além, é claro, de minhas análises e interpretações dessas narrativas, baseadas em um arcabouço teórico advindo da Antropologia das Emoções, mais especificamente baseados nas experiências do sofrer.

Por meio da proposta deste trabalho, ter a possibilidade de contato com a fala de mulheres de três gerações dessa família é importante pois, um dos aspectos que será observado é, como a experiência de sofrimento no campo de extermínio passada por Lilli Jaffe reverberara na experiência de vida dos seus descendentes. Portanto, dito de forma mais genérica, como o sofrimento acometido por meio de grandes eventos catastróficos se inscreve nos indivíduos quase de forma hereditária.

Percorrendo as inúmeras categorias utilizadas para se referir ao Holocausto, como catástrofe, calamidade, barbárie, etc, neste trabalho optei por interpretá-lo pela ótica do Evento Crítico. Enunciado pela antropóloga indiana Veena Das (1995), o

2Podcasts são programas de áudio ou vídeo, cuja principal característica é um formato de distribuição chamado podcasting. Podcasting é um meio de publicação de arquivos de mídia digital através de feed RSS, o que permite aos seus assinantes o acompanhamento ou download automático do conteúdo à medida que é atualizado.

3Projeto Humanos é um podcast documentário, idealizado e comandado pelo jornalista Ivan Mizanzuk, que tem um formato narrativo e utiliza técnicas de storytelling, resultando em episódios que são como “filmes para se ouvir”. Com foco no registro de histórias reais, os episódios sempre contêm as vozes das pessoas que vivenciaram eventos extraordinários, assim como matérias da imprensa e documentos da época. Não são usados atores, apenas a realidade.

conceito envolve as rupturas provocadas pelas situações traumáticas e sua assimilação ao cotidiano das pessoas que a vivenciaram, sendo abordado a partir da perspectiva desses sujeitos. Tal conceito auxilia na compreensão de como acontecimentos disruptivos geram uma mudança drástica na ordem social, reordena mobilizações políticas e configurações de cenas. O seu emprego aqui se torna pertinente pois a análise aqui empreendida compreende toda a trajetória de Lilli Jaffe, desde o momento disruptivo de deslocamento para o campo de concentração, até o seu momento de reordenamento e reconstrução da vida, após sua conquista da liberdade e posterior vinda para o Brasil.

Diante disso, a proposta deste trabalho é analisar comparativamente os testemunhos de Lilli Jaffe em seu diário, presente no livro de sua filha, e sua auto-narrativa de sua história de vida no podcast Projeto Humanos. E, dessa forma, pensar estes testemunhos a partir do arcabouço teórico da Antropologia das Emoções, especificamente a partir de uma perspectiva de análise voltada para as dinâmicas do sofrer. Aliado a isso, será pensado paralelamente o impacto desses testemunhos, e da história de vida de Lilli Jaffe na dinâmica da vida das gerações seguintes da sua família, principalmente sua filha e neta, que possuem interpretações a respeito dos fatos que podem ser apreendidas a partir de suas participações no livro e no podcast. Dessa forma, pensando o sofrimento como hereditário.

O artigo está estruturado em três partes: na primeira buscou-se apresentar detalhes do testemunho de Lilli Jaffe presentes nesses dois meios, o livro e o podcast e, a partir disso, compará-los. A segunda parte será destinada a discutir questões relacionadas a gestão da memória em sobreviventes do Holocausto e como isso se apresenta no testemunho aqui analisado. E por fim, na terceira parte será trabalhado a questão de como o testemunho e as experiências de sofrimento vivenciadas por esses indivíduos impacta na vida de seus descendentes. Traçando assim uma análise acerca da primeira, segunda e terceira gerações de vítimas do Holocausto.

### **Testemunhos, memórias e silêncio**

A possibilidade de analisar o testemunho de Lilli Jaffe a partir de duas possibilidades discursivas foi importante para a realização deste trabalho. Apesar de descreverem a mesma experiência, há sempre situações em que um meio se sobressai ao outro. O diário tem sua importância principalmente no que se refere a descrição das dinâmicas do sofrer no campo de concentração. A fala presente no *podcast*, além de descrever essas mesmas experiências de forma semelhante, age de forma complementar, uma vez que oferece mais detalhes sobre o processo de reconstrução da vida de Lilli Jaffe e suas relações familiares pós Holocausto, oferecendo dessa forma mais possibilidades de análises que serão repassados adiante, antecedidas de uma descrição mais detalhada do livro e do *podcast*.

O livro é composto por três partes principais distintas, que ao longo se complementam e dão profundidade a narrativa: a primeira parte é o *Diário de Lilli Jaffe*, que consiste nos escritos da sobrevivente, e retrata desde o momento de sua levada aos campos de concentração, os onze meses que passou em Auschwitz e os momentos iniciais de reconstrução da vida após sua libertação. Apesar de os fatos serem narrados no presente, o diário foi escrito na Suécia após sua libertação dos campos em 1945. A escrita ali observada é mais direta e sem apego a preciosismos literários. Sua intenção é puramente descrever cronologicamente os eventos. A segunda parte, e mais extensa, homônima do título do livro “*O que os cegos estão sonhando?*”, corresponde as impressões de Noemi Jaffe a respeito de sua condição de filha de sobrevivente do Holocausto, além de suas interpretações a respeito dos fatos descritos no diário de sua mãe, juntamente ao relato de sua visita a Auschwitz no ano de 2009. A terceira, e mais curta parte, que ocupa cerca de sete páginas do livro, intitulada “*Aqui, lá*” é escrita por Leda Cartum, Neta de Lilli Jaffe, filha de Noemi Jaffe e narra as impressões de sua visita a Auschwitz em 2009 e o seu legado enquanto terceira geração da família.

A temporada do *podcast* Projeto Humanos dedicada a história de Lilli Jaffe, intitulado “As filhas de Guerra” foi lançada em 2015, três anos após o lançamento de seu diário em livro. Ela é dividida em cinco episódios: “O Mal puxa o mal”, o primeiro deles, dedicado a introdução da história de Lilli Jaffe, e narra sua trajetória até a chegada ao campo de concentração de Auschwitz, juntamente a seus pais e irmão. O segundo episódio, “O trabalho liberta”, se dedica a descrição de sua rotina durante os onze meses passados no campo de concentração, e como a partir da função que exerceu

lá dentro, na cozinha, e estratégias que desenvolveu a mantiveram viva. O terceiro episódio, “A Profecia” se dedica aos primeiros acontecimentos de sua vida após o término da Guerra, o início de reconstrução da vida, além da explicação da origem de seu diário. O quarto episódio, “As Filhas da Guerra”, trata do momento de reconstrução da vida de Lilli Jaffe já no Brasil, e sua relação com as filhas, principalmente como era a vida diária com o fato de serem filhas de uma sobrevivente do Holocausto. Por fim, no quinto episódio, é feita uma avaliação do fato de existirem tantas pessoas que negam a existência do Holocausto, e quais os perigos que tais pensamentos trazem para o futuro. Além da pergunta emblemática: existe o risco de um novo Holocausto acontecer? A partir disso são feitas especulações e projeções para o futuro.

A partir da comparação de ambos os testemunhos de Lilli Jaffe, foi possível observar aspectos de sua experiência que merecem ser tratados mais demoradamente, para tanto apresento e discuto a seguir alguns excertos emblemáticos de sua trajetória de sobrevivente. Em diversas partes do livro e do *podcast* é invocada a noção de trauma, sofrimento e dor para tratar das experiências passadas por Lilli Jaffe no campo de concentração. Entretanto, percebe-se pela leitura atenta do diário e suas falas no *podcast* que ela mesma não faz um uso tão frequente dessas categorias para tudo que passou. O seu relato é mais direto. Não parece ser sua intenção revirar a memória. Como ela mesmo esclarece, o seu relato possuía apenas o propósito de registrar o ocorrido para que sua filha lê-se, mesmo sem saber se de fato teria filhos algum dia. Nota-se que Lilli Jaffe lida e expressa o sofrimento dessa experiência de violência de uma forma muito menos intensa do que sua filha Noemi, por exemplo.

Tanto no meio escrito, quanto na fala gravada, Lilli Jaffe se expressa de forma muito firme e direta, o que ao receptor transmite toda a sensação de sua força para lidar com os fatos. Isso também é observável a partir de sua retórica, que tende a não assumir pra si o papel de vítima. Tal categoria não é acionada, mesmo que tal status seja inegável, tanto para ela, quanto para todos os indivíduos que sofreram com o Holocausto. Pensando a categoria “vítima”, Suzane Vieira (2014) em seu trabalho sobre a contaminação ocorrida pelo isótopo radioativo césio-137 em Goiânia na década de 1980, afirma que, é no processo de contestação das definições técnico-científicas e burocráticas, que a elucidação do caráter político da categoria vítima guarda estreita relação com a circulação de narrativas, sobretudo as testemunhais. “Os relatos sobre a

dor e sobre a experiência traumática agenciada nas narrativas dramáticas conectam as pessoas afetadas e não reconhecidas oficialmente na trama do evento” (VIEIRA, 2014, p. 88). Apesar desse não ser o caso específico de Lilli Jaffe, que é reconhecidamente vítima do Holocausto, é possível perceber como a categoria carrega em si um sentido político e moral que conecta todas as vítimas do Holocausto, criando assim uma “comunidade de sofrimento”.

Questões referentes a memória também merecem destaque em seus relatos testemunhais, mais especificamente, a falta dela por parte de Lilli Jaffe em vários momentos da vida. Noemi Jaffe descreve os constantes esquecimentos de sua mãe em relação ao acontecido no campo de concentração, ou então a falta de exatidão em relação a ordem dos fatos narradas por ela, além dos esquecimentos cotidianos recorrentes. Dessa forma, Noemi Jaffe associa o esquecimento a uma forma de sobrevivência pós Holocausto adotada por sua mãe:

Parece fácil compreender porque ela acredita no destino de forma tão sagrada, intocável [...] Essa fé também a teria ajudado a construir a pirâmide do esquecimento, a partir da qual ela parece ter conseguido sobreviver da melhor forma possível. Se tudo já estava previsto, é mais concebível esquecer ou mesmo sobreviver. Mas não deve ser uma tarefa fácil. Mesmo que lembrar ou desacreditar da fatalidade soe mais doloroso ou complexo, atribuir tudo a forças estranhas, já traçadas, também não é simples. É uma dor de corte, de lâmina fixa, de impossibilidade de vislumbre além do fato. É uma renúncia ao gesto, à memória do passado e do futuro, uma mudez, uma impotência, uma entrega total. Pode ser ainda mais duro do que não acreditar em nada. (Jaffe, p.98).

São descritas mais situações que corroboram com essa perspectiva do esquecimento. Noemi Jaffe, descreve um episódio familiar a respeito de um incêndio ocorrido na casa da família durante os anos 1970, e a reação inesperada de sua mãe perante a situação:

Numa noite, já na década de 1970, a casa da rua Bandeirantes pegou fogo. Um vizinho do prédio conseguiu apagá-lo e, depois do fogo apagado, ela foi jogar cartas com as amigas. Ficaram o pai e a filha mais nova tirando a água, a espuma, recuperando o pouco que sobrou dos móveis da casa. O pai chorava enquanto retirava a água. Como ela pode ter ido jogar buraco? Ao contar esta história pra qualquer pessoa, a resposta inevitável é que ela tem necessidade de esquecer as tragédias instantaneamente. (Jaffe, 2012 p. 125).

Situação igualmente incomum é relatada em relação a reação costumeira de Lilli Jaffe frente a morte de algum parente próximo. Inclusive, ao caso de seu irmão, também sobrevivente do Holocausto, que morava nos Estados Unidos desde então. Segundo o que conta Noemi Jaffe:

É o esquecimento em ação total; quando ela sabe da morte de alguém próximo, aciona o motor do esquecimento. É preciso esquecer, é preciso esquecer. O esquecimento está relacionado à ausência de medo. Quem lembra, teme. A memória que é fonte da dor presente; o presente fica carregado da lembrança da dor passada e desperta o medo, como defesa física contra a repetição da dor. O medo é passado e futuro. Quem só vive no presente, como ela, não sente, ou sente menos medo. (Jaffe, 2012 p.161).

Portanto, observa-se uma retórica do esquecimento no decorrer da vida de Lilli Jaffe após a experiência do campo de concentração. E isso não é um fato isolado, de acordo com Pollak (1989), o silêncio e o esquecimento são recorrentes nos testemunhos sobre a experiência da segunda guerra. Entretanto esse esquecimento não deve ser interpretado de forma simplista. Mais do que apenas simplesmente esquecer, tal ato pode ser entendido como parte de um trabalho de gestão da memória. Pollak esclarece:

Um passado que permanece mudo é talvez menos o produto do esquecimento do que de uma gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação em algum momento da vida. Essa gestão da memória não rege somente o que é dito em diferentes contextos e em diferentes momentos da vida. A escolha das amizades e do grau de intimidade acordado a esta ou àquela pessoa também fazem parte disso.(Pollak, 2010).

Dessa forma, esse processo de gestão da memória pode ser entendido como uma forma de agência do indivíduo frente a suas dores e o sofrimento, e não apenas como um silêncio traumático. O silêncio aqui, portanto, é apreensível de significados mais do que palavras. O trabalho de gestão da memória realizado por Lilli Jaffe, e seus períodos de silêncio acerca do sofrimento no campo de concentração, também podem ser associados ao esforço de evitar aquilo que Das (2011) chamou de “conhecimento venenoso”. São conhecimentos do passado que possuem o poder de reconfigurar o cotidiano, nesse caso trazendo à tona novamente o sofrimento e a dor que poderiam impactar no interior de sua família, uma vez que, a partir disso, principalmente suas filhas, ainda na infância, tomariam conhecimento dos horrores sofridos por sua mãe. O silêncio então seria uma forma de evitar reviver tais experiências em sua vida, e dessa forma impactá-la negativamente.

A possibilidade de testemunhar de Lilli Jaffe surge a partir daquilo que Das (1999) chamou de trabalho do tempo, processo em que as experiências dolorosas vão sendo organizadas narrativamente e podem, portanto, ser compartilhadas, tornando a experiência violenta algo mais compreensível, porque passível de compartilhamento. A

experiência indizível, como alude Das, torna-se dizível na narrativa a partir da convicção de que ela pode ser compartilhada.

Um aspecto recorrente na literatura voltada para os testemunhos de sobreviventes do Holocausto, é o aparecimento de uma fala centrada nas maneiras de se assegurar a sobrevivência em um cenário tão inóspito. No diário de Lilli Jaffe, tal como em testemunhos recolhidos por Pollak (2010) através de entrevistas, as pequenas ações individuais e tomadas estratégicas de decisão, mesmo em um cenário tão improvável e pouco propício, apareceram como um dos fatores importantes para a garantia dessa sobrevivência. Em um dos trabalhos de Pollak(2010), há um trecho de uma entrevista com uma sobrevivente que traz uma fala emblemática a respeito, a qual ela cita sua estratégia que intitulou de “Técnica de campo”:

Uma vez admitida a realidade, Ruth pode se adaptar a ela mais conscientemente. Ela aprende o que ela chama de “técnica do campo, o que é necessário não fazer e o que é necessário fazer para amanhecer viva”. Ela se dedica a compreender a ordem hierárquica e as regras que regem o campo. Ela procura compreender e saber. Primeiro, ela procura encontrar os seus. Ela demanda aos outros à sua volta informações sobre os comboios vindos de Berlim, os dias da partida de sua mãe, da primeira mulher e da filha de seu marido, todos mortos na câmara de gás. (Pollak., 2010. p.27).

Essa “técnica de campo” surge a partir de uma tomada de consciência da dinâmica de funcionamento do campo e de sua ação primordial, a morte. Lili Jaffe, relata experiência parecida sobre as estratégias que desenvolveu para sobreviver ao campo de concentração. Mesmo que muitas vezes isso tenha sido associado a sorte em sua fala, e é inegável a agência da sorte em sua vida, ela aos poucos foi compreendendo as dinâmicas de funcionamento e normas que regiam o campo de extermínio, e a partir disso foi apreendendo maneiras de “habitar a norma” (Mahmood, 2006), consequentemente prolongando sua sobrevivência, diante de um cenário totalmente desfavorável a vida. Seja se escondendo durante a conferência dos prisioneiros, se colocando em locais estratégicos na fila de contagem, ou encobrimo a fragilidade que abatia seu corpo, Lili Jaffe sobreviveu para reconstruir sua vida e dar o testemunho de sua história.

### **Dinâmicas do sofrimento e o rompimento da barreira entre gerações**

Mesmo que não seja a intenção principal do livro e do *podcast*, a forma como o sofrimento de Lilli Jaffe contagiou a vida de suas filhas e sua neta, alcança diversas vezes centralidade no desenrolar da narrativa. Parece que a experiência do Holocausto transborda sua experiência e causa uma mancha nas gerações futuras daquela família. Nos vemos, então, a partir do diário, livro e *podcast*, diante de uma mulher com extrema consciência do que viveu, de uma filha lúcida de sua posição enquanto segunda geração e de uma neta tentando resgatar o que resta do evento, da memória herdada e da representação da catástrofe. (FUX, 2013).

Essa discussão acerca de como o Holocausto influencia na vida das gerações seguintes a dos sobreviventes já está consolidada em diversos estudos, principalmente à aqueles ligados ao gênero de literatura de testemunho, como salienta Fux (2013). De acordo com Suleiman (2006) ao estudarmos os relatos, escritos e testemunhos dos sobreviventes primários, quando eram crianças nos Campos de Concentração, percebemos a tentativa de mostrar como se sentiam desamparados nesses lugares terríveis. O testemunho, portanto, seria a busca de expressar, através da linguagem, esse desamparo e carência. Instabilidade de identidade, silêncio, sentimento sempre presente de perda e solidão, falta de lembranças, lacunas em relação à própria juventude e questionamento constante no que se concerne ao *ser judeu*, dominam os discursos dos testemunhos primários. E dessa forma é o diário da jovem Lilli Jaffe. Informa, porém, mostra o desamparo e a falta de esperança, além da força de vontade de sobreviver tendo em vista um futuro.

Berger (2001) descreve a experiências da segunda geração de vítimas do Holocausto (filhos dos sobreviventes) como um “viver a sombra” da catástrofe:

Jewish second-generation witnesses to the Holocaust rest on such a iery pillow. Although they were not in Auschwitz, their lives are lived in the shadow of death camps. These witnesses once removed have a plethora of questions about their identity as Jews and as children survivors. The core question for the second generation remains. What is their connection to the Holocaust? How do they define their relationship to their parents? Their parents suffered, but what have been the effects on the offspring? Where does the second generation fit in the history of the Shoah. For this generation, the Holocaust means the eternal *presence of an absence*, that is those who were murdered in the Shoah (BERGER, 2001, p.1).

Os filhos dos sobreviventes acabam por viver à sombra da dor de seus pais. É uma experiência tão potente e que causou uma dor tão lacerante, que dificilmente é algo

que passa sem causar impacto em suas vidas. Além da falta de entendimento, tanto em relação ao acontecimento em si, também falta a eles o conhecimento das limitações dos próprios pais. Não há como exigir a compreensão de quem não viveu tal experiência, mas ainda assim não desqualifica sua ação em suas vidas. Noemi Jaffe relata, em vários momentos de seu testemunho, esse sofrimento dilacerante: “Ser filho de sobrevivente contém, em algum lugar remoto e inóspito da memória, a tentação de ter estado no lugar do sobrevivente. (...) Uma mãe que sofreu é uma falha histórica, uma inversão torta, que deixa nos filhos uma pequena culpa, uma pequena falta, um sonho ou um pesadelo que se carrega durante o dia, que impede e ao mesmo tempo estimula a vida” (JAFFE, 2012, p.115). Na segunda geração haveria uma necessidade de buscar a expiação da dor vivida pela mãe e a procura exagerada pela proteção e zelo, e talvez repressão, pelas possíveis dores de sua filha e de sua mãe? Hirsch escreve sobre essa geração de Noemi:

Second generation fiction, art, memoir, and testimony are shaped by the attempt to represent the long-term effects of living in close proximity to the pain, depression, and dissociation of persons who have witnessed and survived massive historical trauma. They are shaped by the child’s confusion and responsibility, by the desire to repair, and by the consciousness that the child’s own existence may well be a form of compensation for unspeakable loss. Loss of family, of home, of a feeling of belonging and safety in the world “bleed” from one generation to the next. (HIRSH, 2008, p.112).

Outra característica marcante dessa segunda geração é a necessidade pela busca de informações sobre o Holocausto, seja na literatura, filmes, ou até mesmo a ida aos locais que os fatos ocorreram. É possível que essa busca esteja associada a uma necessidade de preencher as lacunas do silêncio e do processo de gestão da memória de seus pais. Esse processo de reavivamento da memória e da história é marcadamente uma característica da segunda e terceira geração das “vítimas” do Holocausto. Muitos dos sobreviventes não querem, não podem e não conseguem visitar esses locais de catástrofe, por exemplo.

Assim cria-se um marco, um local de peregrinação em uma busca por lembranças e compreensões impossíveis: “É difícil entender o porquê da necessidade de visitar Auschwitz. Deveria se tratar de uma experiência documental, informativa, mais do que emocional. (...) E ver, estar no lugar, imaginar o local da pedra sendo carregada, esfria a alma para sempre. Ela não quer mais ir para lá”, destaca Noemi Jaffe (JAFFE, 2012, p.113) se referindo ao episódio de sua viagem, juntamente sua filha à Auschwitz. A necessidade do “memoricídio” imposta pelos nazistas é também a necessidade da

peregrinação das outras gerações. Mas não para os sobreviventes: “(Ela) não quer ver filmes sobre a guerra, ler livros sobre a guerra, escutar pessoas falando dela” (JAFFE, 2012, p.113).

Sentimentos como a raiva também são apresentados de forma contrastante entre a primeira e segunda geração de vítimas do Holocausto aqui analisados. Lili Jaffe, afirma que não consegue sentir raiva dos seus captores nazistas, principalmente ancorada no argumento de que ao final da guerra, eles também sofreram muito com o frio e com a fome. Noemi Jaffe, não consegue compreender a postura de sua mãe, depois de ter passado por situações tão extremas. *“Eu não tenho raiva de ninguém. Nem dos nazistas. A supressão da raiva deve fazer parte do processo cirúrgico do esquecimento”* (JAFFE, 2012, p.116).

A terceira geração, aqui é representada pelas breves, mas importantes palavras de Leda Cartum ao final do livro. Diferentemente de sua mãe, ela não participa do podcast. Ao escrever sobre suas sensações, lembranças e memórias, Leda Cartum encerra seu texto da seguinte forma: “é preciso sentar-se e ler as palavras da minha avó. É preciso conhecer estas palavras que guardam, cada uma, uma verdade que não conhecemos – e que, no entanto, apalpamos, apalpamos e não sentimos nada” (JAFFE, 2012, p.237). Se por um lado Lili Jaffe sentiu em seu corpo frio, fome, dor, desgraça, desesperança, por outro lado sua neta pouco sentiu. Se por um lado Noemi Jaffe questionou o entendimento da sua própria dor em relação à dor de sua mãe, buscou compreender certas características e sensações atípicas, e pode sentir a própria angústia pela proximidade escancarada, todos os dias, da catástrofe de Auschwitz, à Leda Cartum restou apenas a procura pela leitura do intangível das palavras e de suas remotas dores. Em sua busca por compreensão, Leda Cartum recorre em seu texto a muitos teóricos, historiadores e testemunhos sobreviventes.

The texts produced by the third generation are linked by a number of characteristics and themes. Their fiction regularly refers to and incorporates events from the Holocaust, but it also balances and counters these references with other narrative strategies or counterpoints. While for first- and second-generation Holocaust writers the historical experience “conveys” a sense of immediacy and impact, the third-generation writer views these events as an indirect part of the narrative, one balanced by other, also important, histories. (LANG, 2009, p.44)

Dessa forma, uma das marcas dessa terceira geração, seria, portanto, uma leitura indireta do Holocausto, pautada principalmente nos relatos testemunhais (Fux, 2013).

Isso pode ser associado principalmente ao envelhecimento das vítimas diretas da primeira geração e conseqüentemente a impossibilidade de contato com as gerações seguintes. A terceira geração herda algo que não entende. Perscruta muito, mas se reconhece longínqua e, ao mesmo tempo, inserida e profundamente marcada pelo evento: “Não se pode perder, é preciso lembrar, é preciso segurar-se nesse movimento misterioso que faz a lembrança, sobretudo a lembrança do que não vivemos e que, no entanto, carregamos” (JAFFE, 2012, p.237). O não perder é possível através dos escritos e também da convivência, agora um tanto distante do entendimento das memórias traumáticas e inventadas por outras gerações (Fux, 2013).

O que permanece então na experiência dessa terceira geração? Há um campo que vai se limpando, se tornando mais suave, porém perdido: “Ser neta de sobreviventes é ter uma relação indireta com este sofrimento que possibilitou a minha existência. Porque há entre mim e o sofrimento um intermédio, alguém que já desbravou o matagal sórdido do trauma: nasci numa clareira, o terreno limpo e pronto, bem cuidado, porque meus pais se encarregaram de tirar as ervas daninhas, arar a terra, semear” (JAFFE, 2012, p.234).

Portanto, a partir do relato dessas três gerações, percebemos como as percepções variam e se dissipam ao longo do tempo. O jovem sobrevivente, quer e precisa esquecer, mas a partir de uma descida ao ordinário (DAS, 1999) suas ações e sensações se encontram entrelaçadas e perpetuamente ligadas à experiência de ter passado pelo Holocausto. A segunda geração que remonta e reconstrói suas memórias da infância, juventude e de toda uma vida recebe, de alguma forma essa culpa, essa dor, e busca entendimento, conhecimento, explicação. Mas, ao mesmo tempo, se perde para se preservar e por isso tenta proteger seus descendentes da dor e culpa que sente. A jovem terceira geração se funda na ficção, nos relatos e sentimentos longínquos que pouco recebem, mas continuam buscando. (FUX, 2013).

### **Considerações finais**

A partir deste trabalho, que se debruçou na análise dos testemunhos de Lilli Jaffe vinculados em aparatos culturais distintos, buscou-se demonstrar como a passagem por um evento crítico (DAS, 1999) de grandes dimensões como o Holocausto, é capaz de reconfigurar a vida dos indivíduos ao ponto de a experiência vivida reverberar nas gerações futuras dos mesmos. Dessa forma, demonstrou-se as dinâmicas do sofrimento de três gerações de mulheres de uma família.

A experiência de Lilli Jaffe enquanto sobrevivente direta é marcada principalmente por um processo de gestão da memória (Pollak, 1989; 2010) em relação aos acontecimentos do campo de extermínio. A sua necessidade de narrar os fatos se expressam em dois momentos pontuais de sua vida; em seu diário, que guardaria suas memórias para a sua filha, e a participação no *podcast*, que provavelmente foi influenciada pela mesma, e em resposta a visibilidade que sua história vinha tomando devido a publicação do livro. Percebe-se, a partir dos relatos, que em outros momentos de sua vida, tais fatos não possuíam centralidade, portanto não eram falados cotidianamente, e passavam por um constante processo de gestão da memória.

Mostrou-se também que a experiência da segunda geração de vítimas do Holocausto é marcada principalmente pela revolta, e pela falta de compreensão do que ocorreu aos seus pais. O livro de Noemi Jaffe é representativo de sua tentativa de compreensão dos fatos. E em suas palavras o sentimento de raiva e de revolta aparecem muito mais marcados do que nas palavras de sua mãe. No *podcast* isso fica ainda mais claro, ao ponto em que Lilli Jaffe declara que já perdoou os acontecimentos, diferentemente de sua filha.

O ponto de vista exposto por Leda Cartum em sua breve contribuição ao livro, reforça o que é expresso por Fux (2013); que a relação da terceira geração de vítimas do Holocausto é indireta e mediada principalmente por testemunhos, filmes, etc. Contudo, sua fala traz uma marca política mais forte que as demais aqui expressas, na medida em que ressalta a importância que a história do que aconteceu com a sua avó seja conhecida, espalhada. Para que, a partir do conhecimento, eventos como o Holocausto não se repita na história.

## **Referências Bibliográficas**

ABPOD. O que é *podcast*? 2015. Disponível em: <<http://abpod.com.br/o-que-e-podcast/>>. Acesso em: 29 set. 2019.

BERGER, Alan L. and BERGER, Naomi (org). *Second generations voices: relections by children of holocaust survivors perpetrators*. New York: Syracuse University Press, 2001.

DAS, Veena. 1999. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary Índia*. NewDeli: Oxford University Press.

DAS, Veena. 1999. “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns dilemas wittgensteinianos”.*Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 14 (40): 31-42.

DAS, Veena. 2011. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, n.37, p. 9-41.

DUARTE, L. F. D.; DULLO, E. Introdução ao dossiê ‘Testemunho’.*Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 12-18, 2016.

DULLO, E. Testemunho: cristão e secular.*Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 85-106, 2016.

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. 2009. *The Empire of Trauma: an inquiry into the condition of victimhood*. Princeton/ New Jersey: Princeton University Press.

FUX, Jacques. Até quando os cegos continuarão sonhando? *Revista de Letras, Fortaleza*, v. 2, p.47-52, 2013.

HIRSCH, Marianne. “The Generation of Postmemory”. In: *Poetics Today* 29:1 (Spring 2008)

JAFFE, Noemi (2012). *O que os cegos estão sonhando?* – Com diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum. São Paulo: Editora 34.

LANG, Jessica. “The History of Love, the Contemporary Reader, and the Transmission of Holocaust Memory”. In: *Journal of Modern Literature*, Vol. 33, No. 1 pp. 43-56.

MAHMOOD, Saba. 2006. Teoria Feminista, Agência e Sujeito Liberatório: Algumas Reflexões sobre o Revivalismo Islâmico no Egito. *Etnográfica*, vol. X.

POLLAK, Michael. 2010. A gestão do indizível. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 2, n. 1, p. 9-49.

POLLAK, Michael. 1989. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15.

PROJETO HUMANOS: O mal puxa o mal [S01E01]. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. [S. l.]: Projeto Humanos, 10 ago. 2015. *Podcast*. Disponível em: <<https://soundcloud.com/projetohumanos/o-mal-puxa-o-mal/>>. Acesso em: 29 set. 2019.

PROJETO HUMANOS: O trabalho liberta [S01E02]. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. [S. l.]: Projeto Humanos, 17 ago. 2015. *Podcast*. Disponível em: <<https://soundcloud.com/projetohumanos/o-trabalho-liberta/>>. Acesso em: 29 set. 2019.

PROJETO HUMANOS: A profecia [S01E03]. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. [S. l.]: Projeto Humanos, 24 ago. 2015. *Podcast*. Disponível em: <<https://soundcloud.com/projetohumanos/a-profecia/>>. Acesso em: 29 set. 2019.

PROJETO HUMANOS: As filhas da guerra [S01E04]. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. [S. l.]: Projeto Humanos, 31 ago. 2015. *Podcast*. Disponível em: <<https://soundcloud.com/projetohumanos/as-filhas-da-guerra/>>. Acesso em: 29 set. 2019.

PROJETO HUMANOS: O que aprendemos? [S01E05]. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. [S. l.]: Projeto Humanos, 7 set. 2015. *Podcast*. Disponível em: <<https://soundcloud.com/projetohumanos/o-que-aprendemos/>>. Acesso em: 29 set. 2019.

SULEIMAN, Susan Rubin. *Crises of memory and the Second World War*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

VIEIRA, Suzane de Alencar. 2014. *Césio-137, o drama azul: irradiação em narrativas*. Goiânia: Cãnone Editorial.